

A ABORDAGEM COMUNICACIONAL NO APOIO AS AÇÕES DAS UNIVERSIDADES NA DÉCADA DO ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL¹

THE COMMUNICATIONAL APPROACH IN SUPPORTING UNIVERSITY ACTIONS IN THE DECADE OF HEALTHY AGING

EL ENFOQUE COMUNICACIONAL EN EL APOYO A LAS ACCIONES UNIVERSITARIAS EN LA DÉCADA DEL ENVEJECIMIENTO SALUDABLE

Ricardo Duarte²
Simone Martins³

Resumo

Este ensaio teórico apresenta uma proposta para estudo qualitativo que busca complementar o levantamento das ações no projeto das Universidades na Década do Envelhecimento Saudável. Tendo o foco nas ações da extensão universitária, o estudo chama a atenção para o processo comunicativo e a avaliação das ações da Universidade na relação com a população ativa +60. Adotamos a abordagem comunicacional (Quéré, 1991), o conceito de enquadramento (França et al., 2014) aplicado ao estudo das organizações e a visão de pesquisa empírica na comunicação apresentada por Kunsch (2017). Os contextos urgentes solicitam projetos sustentáveis, políticas públicas inovadoras e redimensionam o papel da extensão nas Universidades. Os organismos internacionais (ONU, OMS e OPAS) e nacionais (IBGE) já mencionaram a significativa mudança que ocorre na estrutura demográfica mundial, com o crescimento vertiginoso da população ativa +60, fato que irá exigir políticas públicas inovadoras e sustentáveis.

Palavras-chave: Comunicação Organizacional; Abordagem Comunicacional; Extensão Universitária; Envelhecimento Saudável.

Abstract

This theoretical essay presents a proposal for a qualitative study that seeks to complement the survey of actions in the Universities in the Decade of Healthy Aging project. Focusing on university extension actions, the study draws attention to the communicative process and the evaluation of the University's actions in its relationship with the active population +60. We adopted the communicational approach (Quéré, 1991), the concept of framing (França et al., 2014) applied to the study of organizations and the vision of empirical research in communication presented by Kunsch (2017). Urgent contexts require sustainable projects, innovative public policies and reshaping the role of extension in universities. International (UN, WHO and PAHO) and national (IBGE) organizations have already mentioned the significant change occurring in the world's demographic structure, with the dizzying growth of the active population +60, a fact that will require innovative and sustainable public policies.

¹ Este estudo foi realizado com o apoio do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil e da Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

² Doutor em Comunicação Social (UFMG); Professor Associado do Departamento de Comunicação Social da UFMG. Coordenador do Grupo de Pesquisas Interações Midiáticas, Textualidades e Processos Comunicacionais (IntexCom/Cnpq). Membro do Observatório de Políticas Públicas para o Envelhecimento Saudável e a Longevidade (OPPEL/UFV). Membro do Grupo de Pesquisas Espaços Deliberativos e Governança Pública (GEGOP/UFV). E-mai: rduarte@ufv.br. ORCID: 0000-0003-2022-1778.

³ Pós-doutora em Administração (UFSC); Doutora em Administração (UFMG); Professora Associada do Departamento de Administração e Contabilidade da UFMG. Pesquisadora do Instituto de Políticas Públicas e Desenvolvimento Sustentável (IPPDS/UFV). Coordenadora do grupo de trabalho Clacso: Espaços Deliberativos e Governança Pública - Gegop-Clacso. Membro da Rede de Apoio à Pessoa Idosa em Minas Gerais, Brasil (RAPI-MG). Membro da Red Interuniversitaria de Envejecimiento Saludable, Latinoamérica y Caribe (RIES-LAC). E-mail: simmone.martins@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6614-4811>.

Keywords: Organizational Communication; Communicational Approach; University Extension; Healthy Aging.

Resumèn

Este ensayo teórico presenta una propuesta de estudio cualitativo que busca complementar las informaciones del proyecto de las Universidades en la Década del Envejecimiento Saludable. Centrándose en las acciones de extensión universitaria, el estudio llama la atención sobre el proceso comunicativo y la evaluación de las acciones de la Universidad en relación con la población activa +60. Adoptamos el enfoque comunicacional (Quéré, 1991), el concepto de encuadre (França et al., 2014) aplicado al estudio de las organizaciones y la visión de investigación empírica en la comunicación presentada por Kunsch (2017). Los contextos urgentes requieren proyectos sostenibles, políticas públicas innovadoras y redimensionar el rol de la extensión en las Universidades. Organismos internacionales (ONU, OMS y OPS) y nacionales (IBGE) ya han mencionado el cambio significativo que se produce en la estructura demográfica mundial, con el crecimiento vertiginoso de la población activa +60, hecho que requerirá políticas públicas innovadoras y sostenibles.

Palabras-clave: Comunicación Organizacional; Enfoque de Comunicación; Extensión Universitaria; Envejecimiento saludable.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste ensaio teórico é apresentar uma proposta para estudo qualitativo que busca complementar os levantamentos que estão sendo realizados no projeto “Análise da atuação das Universidades no fomento ao Plano de Ação Global da Década do Envelhecimento Saudável” (CNPq)⁴. A partir da análise quantitativa em curso, o estudo qualitativo irá selecionar um caso dentre as ações de extensão universitária das Universidades latino-americanas estudadas, para ser observado à luz da abordagem comunicacional⁵. Aqui iremos apresentamos a perspectiva teórica e metodológica que irá nortear o estudo qualitativo.

A Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030) consiste em 10 anos de apoio mútuo sustentável que envolve governos, a sociedade civil, agências internacionais, a academia, a mídia e o setor privado na direção das populações com mais de 60 anos, de suas famílias e comunidades. A iniciativa parte dos organismos internacionais: Organização das

⁴ O projeto conta com o assentimento e financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq/Brasil e apoio do Instituto de Políticas Públicas e Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal de Viçosa – IPPDS/UFV, assim como apoio das Instituições parceiras, brasileiras e estrangeiras: UFMG, UFPA, Unama, Unifal, UTRPR, Universidade de Girona/Espanha, Universidade Jesuíta de Guadalajara/ITESO-México, Universidade Autônoma de Manizales-UAM/Colômbia, Universidade Católica de Manizales/Colômbia, Universidade Isalud/Argentina, Universidade de Valparaíso/Chile e Universidade do Chile/Chile. As Universidades desde fevereiro de 2024 iniciaram levantamentos das ações em suas respectivas Universidades, com o objetivo de elaborar um grande banco de dados digital com as ações alinhadas com a Década do Envelhecimento Saudável (ONU, OMS, OPAS).

⁵ No âmbito do pós-doutoramento, pretendemos selecionar uma ou duas ações na(s) Universidade(s) na(s) qual(is) estaremos realizando a pesquisa para emprendermos o estudo qualitativo.

Nações Unidas (ONU), Organização Mundial de Saúde (OMS) e Organização Pan Americana de Saúde (Opas).

Este é o segundo plano de ação da Estratégia Global sobre envelhecimento e saúde da OMS, construído com base no Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento das Nações Unidas de Madri e alinhado com o cronograma da Agenda 2030 das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável e com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável⁶.

Quando se observa as ações desenvolvidas nas Universidades latino-americanas alinhadas a proposta da Década do Envelhecimento Saudável, faz-se necessário considerar alguns aspectos: a) o contexto urgente da grande mudança em curso na estrutura demográfica mundial, proporcionada pelo crescimento populacional das pessoas 60+, que já solicita políticas públicas inovadoras e ação conjunta das instituições; b) o papel especialmente extensionista das Universidades neste cenário urgente, que já pauta tais ações das instituições com a sociedade; c) a necessidade de ações sustentáveis, ou seja, que tenham continuidade e façam parte de uma política institucional; d) as realidades regionais das Universidades latino-americanas. Nos limites deste ensaio iremos destacar cada um desses aspectos. Começamos pelo papel das Universidades neste cenário.

Para ordenamento de suas ações de ensino, pesquisa e extensão as Universidades, sobretudo as brasileiras, possuem o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), que descreve os objetivos, as metas e os resultados de cada ação. Sabe-se que as Universidades pelo mundo foram criadas inicialmente como “centros do saber” e que a extensão universitária surgiu para levar à sociedade os conhecimentos produzidos nestes centros.

Atualmente a extensão universitária ou acadêmica articula-se nas Universidades conforme orientações do Programa de Apoio à Extensão Universitária voltado para às Políticas Públicas do Ministério da Educação⁷, que preconiza a preocupação com a educação, o trabalho, a geração de renda, o desenvolvimento sustentável e a valorização de culturas locais. Contudo, hoje quando se fala em “extensão” na essência está se falando em “comunicação”, ou seja, da relação entre a Universidade com a sociedade⁸ – uma “relação comunicativa” que deve permitir a troca de saberes acadêmicos com o senso comum.

⁶C.f.: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52902/OPASWBRAFPL20120_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y

⁷C.f.: http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/proext/revista_proext_05.pdf

⁸ O educador e pesquisador Paulo Freire inaugurou essa perspectiva mais horizontal da comunicação no livro “Extensão ou Comunicação?”, com 1ª edição datada de 1969. A crítica de Freire relativa a “educação bancária” respaldou críticas ao chamado Difusionismo e a transferência de informações as quais se baseava a prática extensionista.

A partir dos anos de 1950 as instituições buscavam induzir mudanças nas comunidades, impingir a adoção de tecnologias modernas, sem considerar as estruturas econômicas e sociais de cada localidade (Rodrigues, 1997). A partir dos anos de 1980 os projetos buscaram o protagonismo das famílias de modo que estas construíssem as condições que consideravam necessárias à melhoria de suas vidas, em uma postura crítica ao Difusionismo, processo que gerou exclusão social, impactos ambientais e descontinuidade dos projetos⁹. A partir dos anos de 1990, o foco estaria nos grupos sociais e públicos específicos (Rodrigues, 1997).

A partir da crítica histórica aos modelos verticais e extensionistas do passado para a adoção de uma visão horizontal, que permite a troca de saberes e o respeito aos grupos sociais, podemos dizer que na contemporaneidade a extensão universitária é *relação comunicativa*.

A partir daqui entramos no outro aspecto mencionado acima: a necessidade de ações em projetos sustentáveis. No passado os projetos se tornavam inacabados porque a sustentabilidade deles dependia da legitimidade junto aos grupos e públicos específicos. Não havia a compreensão de que a constituição de uma relação da instituição com os públicos depende da condução das fases do processo comunicativo da ação de extensão. E que, ao final do processo, a comunicação está estabelecida junto à comunidade (a fase de maturação do projeto). Portanto, perguntamos: como regular as ações de extensão da Universidade dentro de um processo comunicativo, na busca de tornar o projeto sustentável?

A partir desta questão procuramos desenvolver uma abordagem teórica e metodológica de apoio as ações de extensão nas Universidades. Apenas a descrição quantitativa da ação não daria conta de entender de que maneira se estabeleceu uma relação comunicativa da Universidade enquanto proposta para com determinados grupos na sociedade.

Para tanto, organizamos nossa explicação na direção dos conceitos de Comunicação (Quéré, 1991) e de Regionalidade (Pozenato, 2003), tendo como referência a perspectiva da abordagem relacional da comunicação e a noção de enquadramento comunicacional (França, 2014, 2018), pela qual traçamos um percurso metodológico.

O terceiro aspecto a ser tratado aqui seria os contextos urgentes e como as Universidades se mobilizam em face desses cenários. A extensão universitária brasileira teve protagonismo recente durante a pandemia do vírus Sars-Cov2. Na época, as Universidades se

⁹ Bordenave (1985) identificou neste período a importância da organização e da participação das pessoas da comunidade em todas as fases do processo; a crítica ao modelo difusionista; a necessidade de o desenvolvimento estar voltado para o bem-estar da população e não somente para o mercado. O autor também chamou a atenção para a implantação de modelos de desenvolvimento que respeitem a localidade, pois os modelos diferem de uma região para outra e depende do tipo de sociedade que se pretende construir ou transformar.

mobilizaram para ajudar a sociedade, em especial as pessoas idosas isoladas por conta da pandemia. O urgente contexto social pressionou, de alguma forma, a mobilização das Universidades para o desenvolvimento do coletivo e da sociedade¹⁰.

Os contextos urgentes (pandemia, tragédias ambientais, retrocessos políticos entre outros) sinalizam cada vez mais para a necessidade de políticas públicas inovadoras e integradas, capazes de ações preventivas e mitigadoras dos problemas sociais. Um desses contextos urgentes tem sido alertado pelos relatórios dos organismos internacionais (ONU, OMS, OPAS): a mais significativa mudança que está em curso na estrutura demográfica mundial com o crescimento da população idosa.

Os dados dos referidos relatórios e do Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) confirmaram a necessidade de políticas públicas que colaborem com a sustentabilidade das ações em face a essa mudança na estrutura demográfica, que irá impactar sobremaneira as dinâmicas sociais, econômicas e culturais, segundo a ONU (2022, 2017).

A população 60+ já corresponde a 13,9% da população mundial, sendo o grupo etário com maior crescimento nos últimos 72 anos (Alves, 2022). A população idosa brasileira quase triplicou entre 1991 e 2011 e no último Censo do IBGE de 2022 já alcançava 15,8%, com estimativas para 2050 de 36% da população brasileira (IBGE, 2023).

Essa mudança da estrutura demográfica mundial é destacada no Relatório Social Mundial da ONU (2023), como uma das principais tendências com poder disruptivo. Nestes documentos é sinalizada a necessidade de análise e mitigação de riscos, por governos, instituições multilaterais, organizações regionais e organizações da sociedade civil, de reforçar a solidariedade entre gerações, de realizar planejamento de longo prazo e de trabalho colaborativo para preparar para desafios e aproveitar as oportunidades.

O aumento da longevidade é uma conquista justificada pelo avanço científico e tecnológico, melhorias no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e no acesso das populações idosas aos serviços. Todavia, tais mudanças desafiam políticas públicas institucionais sustentáveis na direção de um novo quadro social, político e econômico.

¹⁰ Diante da ausência de aulas e a grave presença da pandemia, o Colégio de Gestores de Comunicação das Universidades Federais (Cogecom), da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) organizou as ações de 48 Universidades públicas na campanha “Conhecimento e Cidadania” sobre pesquisa, ensino e extensão junto a sociedade – mesmo no contexto dos cortes orçamentários da época –, apresentando a produção de conhecimento da Universidade sobre o vírus, bem como as ações de produção de álcool líquido, gel, testes vacinais entre outros. C.f.: <https://www.unifal-mg.edu.br/portal/2021/06/08/pesquisa-do-cogecom-andifes-divulga-resultados-das-acoes-desenvolvidas-por-universidades-publicas-em-2020-conforme-o-estudo-mais-85-milhoes-de-pessoas-foram-beneficiadas/>

E, para finalizar, respondendo ao último aspecto: se o contexto envolve o crescimento global da população ativa maior de 60 anos, qual seria o papel das Universidades latino-americanas? Os esforços pela integração da América Latina têm uma história que remonta as necessidades de independência e autonomia. A integração regional voltou a ser prioridade na política externa brasileira, com preocupações que se direcionam à revitalização da *governança* na América Latina em face dos retrocessos políticos de alguns governos extremistas na região – governança entendida como um sistema de mecanismos e princípios que as organizações possuem para ajudar a “administrar as relações com a sociedade” tendo “foco em objetivos coletivos”¹¹.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A ABORDAGEM RELACIONAL DA COMUNICAÇÃO

O estudo da comunicação nas organizações, segundo Kunsch (2017), possui uma abrangência, uma complexidade nas práticas e desempenha um papel preponderante e estratégico nas instituições:

Até os anos 1980, os estudos de comunicação organizacional se caracterizavam por uma forte vertente funcionalista e uma perspectiva linear-instrumental. No início dos anos 1980, o quadro começou a mudar e os estudos interpretativos e críticos passaram a ganhar força, tendo estes passado por grandes evoluções nas últimas décadas. Outras vertentes teóricas vêm sendo incorporadas: dialógica, interativa, pós-moderna, desconstrucionista, reformista, da diversidade de gênero, da complexidade etc. Com as mudanças dos paradigmas, antes tão estanques, tanto dos estudos como das práticas, e com todas essas novas perspectivas e tendências, o significado da comunicação organizacional tem adquirido grande abrangência, novas percepções e implicações. (Kunsch, 2017, p. 42-43).

Após a superação da perspectiva linear-instrumental da Comunicação, predominante nos anos de 1970 e 1980, e do modelo informacional da comunicação, que sinalizava para o eixo da recepção e criticou o modelo centrado no emissor que negligenciava o trabalho produtivo da recepção (ECO, 1985), o modelo praxiológico da comunicação proposto pelo sociólogo Louis Quéré (1991) deu um passo adiante com a abordagem relacional e pragmatista¹², que valorizava menos os pólos emissores e receptivos do que a *relação* do que

¹¹ C.f.: <https://www.gov.br/cgu/pt-br/centrais-de-conteudo/campanhas/integridade-publica/governanca>

¹² No contexto dos anos de 1980 e 1990, quando a perspectiva funcionalista da comunicação ainda não tinha sido superada, Quéré (1991) apresentou uma proposta clara e consistente, de maneira objetiva e didática. Assim, no início dos anos de 2000, a perspectiva relacional da comunicação começou a aparecer com mais intensidade nas pesquisas, evidenciando a necessidade do foco nas relações, e não mais no emissor ou nos receptores das informações – emissores e receptores tratados, agora, como “sujeitos na/em comunicação”, nas interações comunicacionais (França, 2006).

aquilo que a *relação* produz. Sobre a abordagem relacional da comunicação, diz França (2018):

Essa abordagem tem como ponto de partida a concepção interacional e o conceito de sociabilidade de Simmel; ganha novos desdobramentos junto à Escola de Chicago na perspectiva apontada pelos filósofos pragmatistas; adquire novas tonalidades com a reflexão de autores oriundos de outras matrizes, como Michel de Certeau e alguns teóricos da linguagem – M. Bakhtin, U. Eco, E. Verón, além de S. Hall e as contribuições dos estudos culturais (França, 2018, p.90).

Pelo modelo praxiológico¹³, o qual se filia a abordagem relacional, o processo comunicativo e o papel da comunicação na sociedade se ampliam, permitindo funcionarem como chaves de leitura da vida social, bem como enxergar a maneira como tratar tanto as pequenas como as grandes situações comunicativas.

Conforme Quéré (1991), a partir de França (2018), salientam-se três aspectos sobre a abordagem relacional, aqui aplicado ao estudo da comunicação nas organizações. O primeiro seria *a necessidade de se observar o fim da interação comunicativa*, lugar onde estão as intenções dos agentes. As intenções (mais ou menos acabadas) e os interesses dos agentes envolvidos percorrem todo o processo comunicativo e podem ser visualizados ao final. Por exemplo, existe uma intenção e um interesse por trás da ação de uma proposta institucional, mas também entre cada beneficiário da proposta. Na medida do avanço do projeto no curso do processo comunicativo, os agentes cedem em suas percepções cognitivas em prol de uma espécie de “acordo”, podendo observar justamente ao final do processo, as intenções consolidadas e acordadas entre as partes, os interesses construídos em conjunto. Um quadro problemático, não visto no início do processo, pode ganhar materialidade ao final, na medida das forças que se movem ao longo do processo. Com o tempo, quando acontece a “estabilidade” do processo se diz que houve esse “acordo”, fruto da mobilização das partes envolvidas. As ações (pessoais; institucionais), portanto, revelam o que os agentes estão fazendo, o que está sendo constituído entre eles e o que move os agentes inseridos na prática.

O segundo aspecto seria olhar para as relações comunicativas tendo a consciência de que *interações micro se vinculam por interdependência com questões macro*.

¹³ Da junção de *práxis* (s.f.: ação que une teoria e prática ou conhecimento voltado para as relações sociais e políticas) com *logos* (s.f.: fundamento, pensamento), a *praxiologia* se constitui como uma teoria que estuda a estrutura lógica da ação humana, tomando como referência a ideia de que as pessoas se envolvem de maneira proposital nas relações, tendo uma intenção em seus comportamentos. Assim, as pessoas buscam atingir seus propósitos de vida, através das ações, das causas e das normas que conduzem as ações humanas.

As práticas comunicacionais, constitutivas que são das relações sociais estão estritamente associadas ao campo da política e às dinâmicas de poder (...). A comunicação é instância constituidora de um real que a transcende (...). Uma concepção da comunicação não responde sozinha pela análise do fenômeno (França, 2018, p. 97-98).

Analisar as ações institucionais, ao final de um processo, seria levar em conta aquilo que o processo ajudou a constituir; para o quê tais ações estão apontando, seus limites e perspectivas. Assim, a abordagem relacional amplia o universo empírico. Então, os conceitos como “política pública”, “desenvolvimento sustentável”, “espaços deliberativos” e “governança pública” funcionam como exemplos operadores que fazem a ponte entre a situação recortada (o que se vê ao final do processo) e seu contexto sócio-histórico. A situação só se configurou dessa ou de outra maneira por conta desse contexto que a condiciona.

O terceiro aspecto seria sobre que *tipo de comunicação estamos falando* na relação comunicacional. Não estamos falando da comunicação entre uma máquina e outra, entre os animais ou entre células e partículas (apesar de serem assuntos muito interessantes). Estamos falando da comunicação humana, situada no centro da vida cotidiana e que moldam as instituições, sendo tal comunicação atravessada ou não pela midiatização de base eletrônica. Esse tipo de comunicação engloba escolhas de linguagens, modos de uso das tecnologias, gestos, símbolos, percepções, desempenhos, discursos, expressões, narrativas, interpretações de sentido e formas de circulação das mensagens. Todos esses elementos da comunicação humana compõem as *dinâmicas internas* ao processo comunicativo.

Defendo, no entanto, que a comunicação é mais do que isso [do que os elementos das dinâmicas internas ao processo], e uma abordagem comunicacional (fazer uma análise comunicativa) é inscrever esta dinâmica de produzir/interpretar sentidos na esfera de uma ação conjugada entre um e outro. Não analisamos a comunicação recortando-a em uma de suas fases; a análise comunicacional pretende exatamente apreender/recuperar essa globalidade. (França, 2018, p. 103).

Portanto, a abordagem relacional da comunicação recupera a globalidade das dinâmicas internas que contribuíram para o processo da ação conjugada entre os agentes, sem privilegiar recortes de fases. Observam-se, portanto, de que maneira tais dinâmicas internas se modificam através das fases, por quais motivos se modificam, quais ações produzem e quais mudanças na proposta inicial (de quadros de sentido) nas experiências do processo.

1.1. A CONFIGURAÇÃO DAS RELAÇÕES COMUNICATIVAS QUE DEFINEM A REGIÃO COMUNICACIONAL

A relação comunicacional de uma organização com as comunidades se dá *inserida em um entorno regional*. Neste sentido, o lugar em que a organização está localizada seria formado pelo “espaço regional” (econômico, histórico, político, cultural). Por essa alça, as noções de comunicação e regionalidade se entrecruzam.

Da mesma forma sobre a noção de comunicação no século passado, tinha-se uma ideia de regionalismo associada a uma visão estreita do processo social (Pozenato, 2003). Tal visão hoje não daria conta de compreender que as populações locais se relacionam cada vez mais com culturas transnacionais para além de suas próprias culturas, estimuladas pelas mídias de massa e digitais.

Esse fenômeno permitiu que o conhecimento, antes restrito aos especialistas das Universidades, agora circulasse pelas mídias das pessoas comuns na sociedade, sem a mediação do especialista, inclusive redefinindo aspectos da regionalidade. Estando, portanto, os processos sociais regionais atravessados pela midiatização (Braga, 2012) de base tecnológica, a articulação entre regionalismo e comunicação nos sinaliza a importância de observar as articulações locais das comunidades com as instituições tendo como base aspectos sociais e culturais locais, mas tais articulações também motivadas pelas influências que chegam de fora da cultura. Antes se compreendia o processo social das regiões circunscrito a uma cultura “isolada” das suas relações. Hoje, essas identificações de uma comunidade se constituem a partir das relações que lhe servem de referência.

Sobre a noção clássica de “região”, entende-se como uma divisão do mundo social e cultural estabelecida por atos de delimitação de um território e pelo alcance do poder de quem ou o que rege aquela região (Pozenato, 2003). A definição de “região política” também coaduna com a “geografia da região”, sua representação espacial e gráfica. Isso se alinha ao aspecto social e cultural, o reconhecimento da população enquanto pertencentes àquele território, na medida em que defendem os aspectos culturais e simbólicos da região.

A região, então, pode ser definida como “as paisagens do lugar”, mas também enquanto “espaços regionais” capazes de organizar informações históricas da linguagem, sobre as etnografias do povo etc. (Pozenato, 2003). No *espaço regional* existem diferentes regiões: a região histórica, a região cultural (hábitos e costumes), a região econômica (dados sobre indústria e comércio e serviços). Ora, sendo assim, também poderíamos observar a configuração comunicativa que compõe uma “*região comunicacional*”.

Entendemos essa “região comunicacional” como sendo formada por essa comunicação humana específica da localidade, lugar capaz de condicionar as práticas relacionais/comunicativas. Em cada região, portanto, existiria uma configuração específica que

formata a região comunicativa, capaz de ser visualizada através de um mapa quantitativo e qualitativo das comunicações institucionais estabelecidas, como um quadro da situação e das possibilidades.

Esse mapa das comunicações institucionais poderia mostrar, por exemplo, os “círculos de reciprocidade” (Sennett, 2012) ¹⁴ e os “vínculos sociais” (Durkheim, *apud* Paugam, 2017) ¹⁵ ou a maneira de participar dos sujeitos, as pessoas de referência no lugar, as mudanças de enquadramento das propostas de relação das instituições em função das mudanças políticas entre outros, quais características locais definem o modo de elaboração das políticas públicas e de participação, quais os estímulos das mídias na percepção institucional e dos grupos, a intergeracionalidade, as tradições entre outros aspectos.

O delineamento de uma região comunicacional contribui para compreender as diferenças de realidades institucionais, as diferenças da população idosa, o engajamento da população adulta nas ações em torno da pessoa idosa, a política pública municipal e estadual para a região, as organizações da sociedade civil e setor privado apoiadores de projetos neste sentido. E esse sobrevoo sobre tal região se faz necessário antes da elaboração de projetos sustentáveis que envolvam diferentes setores da sociedade.

2. FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA: O ENQUADRAMENTO DAS AÇÕES INSTITUCIONAIS

O conceito de enquadramento tem a matriz do sociólogo Erving Goffman na sua origem. Contudo, o primeiro a introduzir o conceito para estudo das relações comunicativas foi o antropólogo Gregory Bateson, que tratou desse tema no texto “Uma teoria sobre brincadeira e fantasia” (1955). No texto o autor fala de três níveis básicos das interações comunicativas: o conteúdo (tema), as mensagens (implícitas ou explícitas) e aquilo que mantém a relação (o assunto do interesse dos interlocutores) (Bateson, 2002). A aprendizagem está na base dessa comunicação, pois ao se relacionarem os agentes manifestam um conteúdo, mostram o tipo de

¹⁴ Sennett fala que o “círculo de reciprocidade” seria formado pelas pessoas próximas em uma comunidade que se ajudam, de maneira gratuita e mútua. Os mutirões e os trabalhos coletivos de solidariedade seriam alguns exemplos dos círculos de reciprocidade.

¹⁵ Durkheim já havia chamado de “vínculo social” as vinculações morais que mobilizam os indivíduos em relação social. “Durkheim sustenta a tese da diversidade dos vínculos sociais, que constituem muitas fontes variadas da moral, ou, mais precisamente, muitas possibilidades diferenciadas para o indivíduo elevar-se à vida moral. O homem solidário de Durkheim é um indivíduo ao mesmo tempo autônomo e ligado a outros e à sociedade, um indivíduo consciente das regras morais que implicam a participação na vida social” (Paugam, 2017, p.130). No entanto, neste texto estamos tratando de uma outra configuração, onde importa mais as relações, reconhecendo a importância do “vínculo social” no processo. “É preciso reconhecer a força dessa teoria, mesmo se o conhecimento das sociedades modernas nos conduz a ressaltar que podem existir outras configurações ou regimes de vínculos” (Paugam, 2017, p.130).

relação que se mantem e escolhem o que dizer. Assim, os agentes ajustam para compreender o que efetivamente está sendo proposto na comunicação, por meio de enquadres de sentido. Segundo o autor, os agentes buscam em uma relação comunicativa identificar sinais que os ajudem a entender como desempenhar diante de uma determinada sequência de atividades.

Essas proposições de Bateson vão inspirar a análise dos *frames* (quadros) desenvolvida nos anos 1970 pelo sociólogo Erving Goffman – que não fala claramente em enquadramento, mas em “quadros” da experiência social (Goffman, 2012). Com base no autor, podemos dizer que as ações são percebidas e nos estimulam a responder à pergunta: “o que está acontecendo aqui”? (Goffman, 2012).

Assim, os quadros da experiência social ou enquadramentos são como matrizes interpretativas que as pessoas recorrem no dia a dia para entender uma ação, uma conversa e se posicionar em diferentes situações, para organizar melhor a experiência ao definir o que acontece, ao se orientar para a ação.

Tais quadros, porém, não são construções individuais e sim socioculturais. Eles subentendem certas convenções vigentes numa dada sociedade que os indivíduos mantêm, transformam, atualizam, em suas interações e relações sociais. Tanto Bateson quanto Goffman estavam focados na análise das interações face a face (França et al., 2014, p. 136).

A noção de “situação comunicativa” ocupa um lugar central, pois os enquadramentos são construídos e negociados no momento da situação. Ao definir a situação, as pessoas identificam o papel que devem desempenhar naquela relação, em um processo de negociação

¹⁶.

França et al. (2014), ao fazer a ponte entre a noção de enquadramento e comunicação, fala de alguns tipos de enquadramento utilizados para o estudo das mídias. Contudo, os autores defendem um tipo de enquadramento mais ajustado à abordagem relacional da comunicação.

França et al. (2014) diz que não há a necessidade de se usar o conceito de enquadramento para se analisar as dinâmicas internas ao processo comunicativo, ou seja, analisar conteúdos, discursos e estratégias do enunciador. O conceito de enquadramento defendido pelas autoras se baseia na relação que se propõe e se negocia entre os sujeitos. Importa mais identificar os indícios de uma *proposta de relação* no enquadramento, proposta

¹⁶ Aqui também esse estudo se filia à noção de “inteligência social nas organizações”, de Jacques Bounnet. As Universidades seriam, nesta perspectiva, um espaço social de construção de posturas, habilidades e lógicas de relação dos indivíduos e coletivos. A pesquisa coaduna igualmente com a noção de Nicole D’Almeida sobre a dinâmica organizacional enquanto dinâmica de comunicação, que leva em conta, para além das dimensões administrativas e gestoras, as relações comunicacionais na dimensão humana da organização – tão bem visualizados nos programas e projetos de extensão das Universidades (Bounnet, 2015; D’Almeida, 2015).

que produz sentidos relacionados com algo relativo as mobilizações de sentidos ao longo do processo comunicativo. Na fase final há ali, na proposta da relação, sinais de um reconhecimento já estabelecido.

Frente a essas diferentes interpretações e usos do conceito de enquadramento, é fundamental nossa clareza sobre qual delas adotar, evitando ambiguidades e superposições (...). Dessa maneira evitamos falar de enquadramento para dizer coisas diferentes – e reservamos o termo para fazer referência a algo que não vem sendo evidenciado em outras análises: o formato ou a proposta de relação, que se supõe ou negocia com o conteúdo tratado nas interações, respondendo, ambos os níveis, pela significação final produzida na interação. (França et al., 2014, p. 84-85)

A noção de enquadramento na comunicação se utiliza nas pesquisas para a análise das mídias, mas aqui, nesta proposta de pesquisa, estaria em propor para a análise do “enquadramento na comunicação institucional” – algo que ainda não foi explorado.

Enquanto um método, o enquadramento nos permite convocar ferramentas de análise para observar de maneira sistemática a significação final de um processo comunicativo. O quadro dessa situação (o que acontece ali) informa sobre o formato ou proposta de relação da instituição estabelecida naquele lugar, com determinado público, no caso a população ativa acima dos 60 anos.

Ou seja, após deixarmos claro o marco teórico desta proposta, apresentamos a noção de enquadramento enquanto teoria metodológica para estudo qualitativo de casos que ilustram a comunicação da Universidade com a população ativa 60+.

Nos estudos de comunicação nas organizações, há uma tendência de pesquisas ou mais inclinadas ao viés teórico ou mais próxima do campo empírico, como explica Kunsch (2017):

Inexistem políticas mais definidas dos programas de pós-graduação em comunicação, de valorização de estudos aplicados, que, em alguns casos sofrem do viés de que tais pesquisas tratam apenas de práticas profissionais e não são teóricas, quando que se sabe que andam juntas e que as teorias podem ser criadas a partir de reflexões sobre os estudos das experiências e das práticas (Kunsch, 2017, p. 51).

Martino (2010) também concorda com a autora e diz sobre a importância da união entre teoria e prática no estudo empírico, pois um depende do outro.

Neste texto, propomos caminhos para articular o empírico das ações das Universidades ao teórico da abordagem relacional da comunicação e o conceito de enquadramento, tendo como abordagem a pesquisa qualitativa. Ao longo dos meses da pesquisa de pós-doutorado, iremos: (a) solicitar que a Universidade pesquisada selecione a ação de extensão que julgar mais significativa da instituição; (b) entrevistar e aplicar questionários junto aos coordenadores do projeto, a partir das orientações previstas no projeto “Análise da atuação das Universidades no fomento ao Plano de Ação Global da Década do Envelhecimento Saudável” (CNPq); (c)

cruzar os dados qualitativos com o levantamento quantitativo na busca de compreender a proposta de relação do projeto de extensão para com a população, bem como as dimensões e fases do processo e a influência da região na execução da ação. As informações também contribuirão para a execução de ações do projeto de pesquisa e extensão: “Em Comunidade: A UFV no fomento à Ações da Década do Envelhecimento Saudável” (Capes), que tem como objetivo contribuir para a consolidação da atuação da UFV na pauta do envelhecimento populacional e fortalecimento de redes colaborativas focalizando as ações de fomento à Década do Envelhecimento Saudável 2021-2030.

3. DISCUSSÃO: REFLEXÃO DA ABORDAGEM TEÓRICA E METODOLÓGICA EM FACE DAS AÇÕES DAS UNIVERSIDADES NA DÉCADA DO ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL

O levantamento de dados sobre as ações das Universidades alinhadas com o Plano da Década do Envelhecimento Saudável (OPAS) permite observarmos *sintomas do final de um processo comunicativo entre Universidade e sociedade*, especialmente se recortarmos as ações de extensão universitária que tenha como beneficiária a população ativa acima de 60 anos. Estas ações mostram os sintomas do enquadramento institucional desejado e mantido pela Universidade, mas não revela “o que está acontecendo ali”, ou seja, o contexto situacional.

A pesquisa qualitativa aqui proposta busca complementar o descritivo das ações, alcançando as *causas e o modo pelo qual os sintomas aparecem no processo*. O caso selecionado pela Universidade pesquisada servirá para avaliar a metodologia desta pesquisa, na direção da construção de diretrizes para um modelo a ser replicado em outros casos. A expectativa seria que as entrevistas e os questionários revelem detalhes/traços da trajetória do processo comunicativo estabelecido e as questões regionais envolvidas entre a Universidade e a população idosa beneficiada.

As informações coletadas irão compor um mapa com a configuração das relações comunicativas naquela localidade. Há, de fato, uma política institucional da Universidade voltada para as pessoas idosas da região ou se trata da iniciativa de um grupo ou seria iniciativa individual? Qual o contexto político local que facilita a execução das ações? Seria possível mensurar o engajamento da política local (municipal, estadual) e social (empresas, organizações não-governamentais, coletivos) que influenciam as ações? Há uma história de lutas (dentro da e fora da Universidade) em favor das políticas públicas voltadas para a população 60+? As pessoas idosas são ouvidas neste processo?

Na atualidade, os processos sociais do espaço regional estariam atravessados pela midiatização de base tecnológica (de massa e digitais). Esta midiatização contribuiu para que as populações locais se relacionassem cada vez mais com culturas transnacionais, transformando percepções sobre a própria cultura, já que as identificações de uma comunidade se constituem a partir das relações com sociedades e culturas que lhe servem de referência, sejam dentro ou fora da região. Em que medida as mídias de massa e digitais influenciam nos modos de mobilização e participação dos agentes envolvidos na ação?

Entendemos na *aprendizagem significativa da experiência* desta relação comunicativa que configuram modos de participar, de silenciar, de cuidar do outro, de respeitar e de fomentar valores em torno de atividades, pessoas de referência e que variam de região para a região. Como a pessoa idosa percebe a Universidade: de maneira inclusiva para este grupo etário?

As ações no final do processo mostram as intenções da ação extensionista ou comunicativa que ainda necessitam serem ajustadas. Sinalizam no processo os interesses dos envolvidos, bem como os limites e as perspectivas de continuidade da ação. Ou seja, esta avaliação qualitativa só seria possível em projetos com grau maior de maturação das ações, momento em que seria possível visualizar traços da estabilização das dinâmicas internas ao processo (conteúdos, linguagens, imagens, falas e interações que deram certo). Por isso existem fases do processo comunicativo precisam ser observadas com cuidado, pois revelam quais dinâmicas internas ao processo poderiam ser implementadas e quais foram adaptadas. (o áudio foi melhor que o uso de imagens? As metodologias ativas funcionam melhor que outras?).

No nível microssocial do processo pode-se identificar problemas públicos associados ao nível macro. Por exemplo, se em uma entrevista ou na sessão de um grupo de discussão com pessoas idosas alguém menciona a ausência de um amigo por problemas de saúde, essa informação micro pode se associar a outras questões, tais como a falta de transporte, a ausência do cuidado, a dificuldade no acesso a medicamentos ou ao posto de saúde. Com essa informação podemos associar os problemas mencionados aos conceitos de "política pública para a pessoa idosa" e "participação dessa população" e outros, funcionando os conceitos como operadores que medeiam a ação extensionista ou comunicativa.

Na medida em que os enquadramentos institucionais funcionam como matrizes interpretativas que se recorre para entender a proposta de relação da Universidade com a população idosa, há a necessidade de reordenamento das ações do projeto nas experiências futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do objetivo deste ensaio que foi de apresentar uma proposta para estudo qualitativo na busca de complementar os levantamentos que estão sendo realizados no projeto “Análise da atuação das Universidades no fomento ao Plano de Ação Global da Década do Envelhecimento Saudável” (CNPq), consideramos finalmente que a proposta se torna viável durante a pesquisa na medida em que será guiada pela fundamentação teórica e metodológica apresentada e pelas ferramentas de análise (entrevista e questionário) para coleta de informações qualitativas.

O uso da noção do enquadramento na comunicação para o estudo das ações nas Universidades é inédito, em especial sobre as ações relativas às populações ativas com mais de 60 anos. Neste sentido se configura como um instrumento de inovação para futuras políticas públicas para o envelhecimento saudável e a longevidade. Aqui a necessidade de propor um modelo que contribuía para projetos mais sustentáveis, que tenham continuidade e legitimação dos agentes envolvidos.

No contexto urgente, ações conjuntas são cada vez mais necessárias, envolvendo setores da sociedade e outros departamentos da Universidade. Quanto a internacionalização do debate, a comparação da realidade brasileira com a realidade de outras universidades latino-americanas possibilita a adoção de modelos e métodos mais próximos à realidade brasileira, por serem aprendizados significativos de Universidades latinas, não somente europeias. Este último aspecto ainda precisa ser aprofundado: a importância de se estudar as Universidades latino-americanas.

Os esforços pela integração da América Latina têm uma história que remonta as necessidades de independência e autonomia em relação aos países desenvolvidos. De acordo com o site gov.br, a integração regional voltou a ser prioridade na política externa brasileira, com preocupações que se direcionam à revitalização da *governança* na América Latina, mais ainda em face do crescimento da extrema direita em países latinos, grupo que tem promovido retrocessos nas políticas públicas governamentais, sem o compromisso com questões sociais, culturais e com a coletividade local – eixos importantes na construção da governança pública.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA IBGE Notícias. **Em 2010, esperança de vida ao nascer era de 73,48 anos.** 01/12/2011. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14135-asi-em-2010-esperanca-de-vida-ao-nascer-era-de-7348-anos>. Acesso em: 11 jun.2022.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **8 bilhões de habitantes e 1,1 bilhão de idosos no mundo**, Portal do Envelhecimento, 17 nov 2022. Disponível em: <https://portaldoenvelhecimento.com.br/8-bilhoes-de-habitantes-e-11-bilhao-de-idosos-no-mundo/> Acesso em: 05 abr 2023.

BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Loyola, 2002. p. 85-105.

BONNET, Jacques. A Inteligência do Social nas organizações. In: MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; OLIVEIRA, Ivone de Lourdes (Orgs.). **Comunicação Organizacional: dimensões epistemológicas e discursivas**. Belo Horizonte: Fafich/Ufmg, 2015, p.27-34.

D'ALMEIDA, Nicole. O estatuto do sujeito na organização. In: . In: MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; OLIVEIRA, Ivone de Lourdes (Orgs.). **Comunicação Organizacional: dimensões epistemológicas e discursivas**. Belo Horizonte: Fafich/Ufmg, 2015, p. 18-16.

BORDENAVE, Juan. Díaz. **O que é comunicação rural**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 104p.

BRAGA, José Luiz. Circuitos *versus* campos sociais. In: JANOTTI JUNIOR, Jeder; MATTOS, Maria Ângela Mattos; JACKS, Nilda (Orgs) **Mediação & Mdiatização**. Salvador: Edufba/ Brasília: Compós, 2012. p. 31-52.

ECO, Umberto. El público perjudica a la televisión? In: MORAGAS, M. (Org.). **Sociologia de la comunicación de masas**. II. Estructura, funciones y efectos. Barcelona: Gustavo Gili, 1985.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Sujeito na/da comunicação. In: GUIMARÃES, C. G.; FRANÇA,V. R. V. (Orgs.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Discutindo o modelo praxiológico da comunicação: controvérsias e desafios da análise comunicacional. In: FRANÇA, V.R.V.; SIMÕES, P. (Orgs.). **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2018, p. 89-117.

FRANÇA, Vera Regina Veiga; SILVA, Terezinha.; VAZ, Francis. Enquadramento. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga.; MARTINS, Bruno. G.; MENDES, André Melo (org.). **Grupo de Pesquisas Imagem e Sociabilidade: trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação**. Belo Horizonte: Fafich/PPGCOM, 2014. p. 134-140.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis: Vozes, 2012.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. Comunicação organizacional: aportes teóricos e metodológicos. IN: MARQUES, Ângela et al. **Comunicação organizacional: Vertentes conceituais e Metodológicas**. v. 2. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2017, p.41-53

MARTINO, Luiz C. Panorama da pesquisa em comunicação. In: BRAGA, J.L.; LOPES, M. I. V.; MARTINO, L.C. (Orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Editora Paulus, 2010. p. 135-160.

PAUGAM, Serge. Durkheim e o vínculo aos grupos: uma teoria social inacabada. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 19, n. 44, jan/abr 2017, p. 128-160.

POZENATO, José Clemente. **Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural**. Caxias do Sul: Educus, 2003.

QUÉRÉ, Louis. D'un modèle épistemologique de la communication à um modèle praxéologique. In: **Réseaux**, n. 46/47. Paris: Tekhné, mar-abril, 1991.

RODRIGUES, Cyro Mascarenhas. Conceito de seletividade de políticas públicas e sua aplicação no contexto da política de extensão rural no Brasil. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**. Brasília, v. 14, n. 1. p.113-154. 1997.

SENNETT, Richard. **Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs, Population Division. **World population ageing 2017**. New York: 2017.

UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2022). **World Population Prospects 2022: Summary of Results**. UN DESA/POP/2022/TR/NO.3.

WHO. World Health Organization. **World Report on Ageing and Health**. WHO, editor. 2015. 260p. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186463/9789240694811_eng.pdf?sequence= Acesso em 29 de outubro de 2020.